

## **O FUTURO IDEAL: REPRESENTAÇÕES E PERSPECTIVAS DE MENINAS E MENINOS NAS RUAS DE TERESINA**

Vilma Dias de Araújo (UFPI)

Maria do Carmo Alves do Bomfim (UFPI)

O modelo de desenvolvimento econômico brasileiro tem se mostrado cada dia mais concentrador e excludente. O acesso aos bens produzidos tem sido privilégio de poucos, enquanto à maioria da população têm sido negados direitos e benefícios básicos e essenciais à própria sobrevivência.

Os grandes acordos firmados com bancos internacionais submetem a classe trabalhadora à recessão e à usurpação de direitos já conquistados. O desemprego e os subempregos são resultados concretos dessa política recessiva e têm sido determinantes para a pauperização crescente da nossa população.

Essa população pauperizada se vê, então, obrigada a buscar alternativas de sobrevivência, dentre elas, a inserção precoce de crianças e adolescentes em atividades geradoras de renda. Assim, muitas crianças e adolescentes são impelidas a buscarem, na rua, a garantia da própria sobrevivência e de outros membros de suas famílias.

Em Teresina, essa problemática cresceu, consideravelmente, na última década e já assume proporções preocupantes. A última contagem oficial, realizada pela Secretaria da Criança e do Adolescente – SEMCAD – em parceria com a Pastoral do Menor constatou um total de 257 crianças e adolescentes vivendo nas ruas do centro da capital piauiense, local onde realizamos esta pesquisa.<sup>1[1]</sup>

Diante dessa problemática social, um número significativo de pesquisas sobre o tema tem sido realizado, principalmente nas grandes metrópoles brasileiras onde o referido fenômeno assume maiores proporções. Essas pesquisas apontam a origem miserável dessas crianças e adolescentes como uma das principais causas para que troquem suas comunidades e domicílios pela permanência nas ruas.

RIZZINI & RIZZINI (1996), constatou a heterogeneidade desse grupo de crianças e adolescentes e a existência de dois sub-grupos, com algumas características distintas. O primeiro, se caracteriza pela manutenção dos vínculos

---

<sup>1[1]</sup> Dado fornecido pela Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente – SEMCAD.

familiares e pelo retorno diário aos domicílios de origem com o produto da atividade desenvolvida na rua e o segundo pelo rompimento desses vínculos e pela permanência diuturna na rua. O primeiro grupo as autoras denominaram de meninos e meninas “na rua” e o segundo de meninos e meninas “de rua”.

ROSEMBERG apud LUSTOSA (1998), discorda e critica essa classificação que, segundo ela, despreza a dimensão temporal e a diversidade das condições familiares dessas crianças e adolescentes. Para ela, o “estar na rua” pode ser apenas circunstancial. Assim, a autora adota, para denominar meninos e meninas que se encontram nas ruas, o termo crianças e adolescentes “em situação de rua”.

Embora concordando com o aspecto circunstancial do “estar na rua”, adotamos a classificação de RIZZINI & RIZZINI (op cit) para mostrar a heterogeneidade do grupo pesquisado e por acharmos mais adequada ao objetivo desta pesquisa que foi identificar as representações sociais de crianças e adolescentes que vivem nas ruas do centro de Teresina acerca das próprias expectativas de vida e, posteriormente, compará-las entre o grupo com vínculos familiares mantidos e rompidos.

O universo da pesquisa foi, então, composto pelo grupo de crianças e adolescentes “em situação de rua”, no centro de Teresina, acompanhados pelo projeto da Secretaria da Criança e do Adolescente, “Vem pra Casa Criança”, uma média de 120 crianças e adolescentes<sup>2[2]</sup>. Desse universo, selecionamos uma amostra de 28 meninos e meninas, sendo, segundo a classificação de RIZZINI & RIZZINI (op. cit.), 17 “na rua” e 11 “de rua”.

Como instrumentos de investigação utilizamos: *observações*, *questionários* e *entrevistas* semi-estruturadas, que foram gravadas e transcritas para posterior análise.

Através dos questionários, coletamos dados que nos permitiram traçar um perfil dos sujeitos investigados, sendo que a análise desses dados já nos apontou para as possíveis causas da situação de rua em que se encontravam os sujeitos da pesquisa.

Para analisar os dados das entrevistas utilizamos a técnica da análise de conteúdo, tentando apreender na “fala” dos sujeitos as representações por eles construídas na trama das relações sociais, pois, como Minayo (1998, p.109), acreditamos que “a fala pode revelar condições estruturais, valores, normas e

---

<sup>2[2]</sup> Média calculada através de análise estatística dos dados contidos nos relatórios de fevereiro de 1999 a janeiro de 2000, fornecidos pela coordenação do projeto “Vem pra Casa Criança”.

símbolos e transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas”.

Entendendo que as técnicas são apenas meios para a coleta de discursos heterogêneos e fragmentados, ressaltamos a necessidade de um referencial teórico claramente explicitado para organizá-los e atribuir-lhes sentido. Então, para adentrar na realidade social de crianças e adolescentes “de” e “na” rua, buscamos suporte teórico na teoria das Representações Sociais e em algumas teorias sobre exclusão social, tendo como pano de fundo a perspectiva histórico-crítica de compreensão da realidade.

Assim, nos dois sub-grupos investigados constatamos a predominância do sexo masculino. No grupo de “na rua” 82,3% são meninos e apenas 17,7% são meninas sendo que o grupo “de rua” é na sua totalidade composto por meninos.

RIZZINI & RIZZINI (1991), constatou, em pesquisa realizada em várias capitais do país, realidades semelhantes à nossa. Nessas capitais, 89,3% das crianças e adolescentes encontrados na rua são do sexo masculino. Embora não aprofundem a questão, as autoras sugerem que as famílias tendem a manter as meninas em casa para ajudar nas tarefas domésticas e evitar que caiam nas redes da prostituição infanto-juvenil.

RAMOS (1999) e VERARDO et. Al. (1999), constataram, que a maioria das meninas que vivem nas ruas das grandes cidades, sobrevivem da prostituição. Segundo essas autoras, as meninas teriam menos possibilidades de gerarem renda em outras atividades, portanto, acabam optando pela prostituição como alternativa de sobrevivência. Neste estudo constatamos realidade semelhante, pois, todas as meninas investigadas sobrevivem e contribuem para a sobrevivência de suas famílias com o exercício da prostituição.

Em relação à faixa etária predomina, no grupo “na rua”, a de 14 a 17 anos (64,8%), embora seja considerável o número de meninos(as) entre 11 e 13 anos (35,2%). No grupo “de rua”, também predomina a faixa de 14 a 17 anos (63,6%), sendo que 36,4% têm entre 11 a 13 anos.

O baixo nível de escolarização foi constatado nos dois grupos investigados, atingindo maiores proporções no grupo de meninos “de rua”, no qual 81,8% são analfabetos e os 18,2% restantes, semi-escolarizados. O grupo “na rua”, embora com um número menor de analfabetos – 47% - também - apresenta um baixo nível de escolarização e um grande atraso escolar em relação à idade, pois, dos 53%

restantes, embora estejam na faixa etária de 14 a 17 anos, nenhum concluiu o ensino fundamental.

A situação dos pais dessas crianças e adolescentes é, exatamente idêntica à dos filhos, 47% dos pais dos meninos e meninas “na rua” são analfabetos e 53%, semi-escolarizados. Essa situação se agrava no grupo dito “de rua”, no qual constatamos 81,8% de pais analfabetos e 18,2%, semi-escolarizados.

Os resultados dos estudos analisados por RIZZINI & RIZZINI (op. cit), apontam a inserção precoce no trabalho e a permanência na rua como fatores decisivos para que crianças e adolescentes abandonem a escola ou sofram um grande atraso escolar. Estes resultados foram ratificados nesta pesquisa, tendo em vista que, no grupo de meninos(as) “na rua”, 76,5% haviam abandonado a escola e o grupo “de rua”, na sua totalidade (100%) foi excluído dessa instituição formal de ensino.

Os dados relativos à composição familiar revelam que o modelo tradicional de família – a família nuclear – formada a partir de um casamento heterossexual e que reúne pai, mãe e filhos, está sendo substituída por outros modelos de família. Segundo esses dados, no grupo de meninos (as) “na rua”, apenas 17,6% possuem a família constituída segundo os moldes tradicionais, sendo que a composição das famílias restantes corresponde ao que CALDERÓN & GUIMARÃES (1994), denominam de novos arranjos familiares, surgidos em decorrência das condições de vida dessas famílias. A emergência e o aumento desses novos arranjos nos chama atenção para o processo de mudança na dinâmica de formação das famílias brasileiras que põe em cheque a hegemonia do modelo burguês de família.

Assim, apenas 17,6% das famílias dos meninos(as) “na rua” é composta apenas por pai, mãe e filhos; 41,2% apenas por mãe e filhos e o restante por diversos outros “arranjos familiares”.

No grupo de meninos(as) “de rua”, embora tenhamos constatado a presença de diversos arranjos familiares, 45,4% dos meninos pesquisados possuem famílias compostas segundo os moldes tradicionais.

Em relação à procedência diária desses meninos(as), constatamos que 76,5% dos meninos “na rua” advêm da vizinha cidade maranhense de Timon, nos apontando para ausência de políticas públicas, voltadas para a população infanto-juvenil, nesse município.

Por fim, constatamos que, para sobreviver, o grupo de crianças e adolescentes pesquisados desenvolve, na rua, diversas atividades geradoras de renda.

No grupo de meninos (as) “na rua”, 11,8% engraxam; 11,8% lavam e/ou vigiam carros; 11,8%pedem; 11,8% vendem alguma mercadoria e 35,2%, desenvolvem mais de uma atividade. Esse acúmulo de atividades por um mesmo menino(a) foi um dado que nos chamou a atenção, pois, em alguns casos, um mesmo menino(a) chega a desenvolver até quatro atividades. Quanto ao grupo de meninos (as) “de rua”, 18,2% roubam, 18,2% pedem e 63% exercem mais de uma atividade.

Vale ressaltar que, de acordo com as nossas observações, o percentual de meninos e meninas envolvidos com atividades ilícitas como a prática de furtos é bem maior, no entanto, muitos deles(as), especialmente aqueles que ainda mantêm os vínculos familiares, tendem a negar o exercício dessas atividades.

A análise desses dados retrata a subcidadania a que estão relegadas essas crianças e adolescentes. As atividades desenvolvidas por essas crianças e adolescentes na rua são como afirma GRACIANI (1997, p.136), “predominantemente, caracterizadas pela exploração e desrespeito aos seus direitos básicos”.

Considerando o referencial teórico, os objetivos da pesquisa e a análise do conteúdo das entrevistas, elencamos e discutimos as seguintes categorias: 1- Trabalho e inclusão social, sendo que nessa categoria, incluímos a subcategoria: Trabalho infantil: um mal necessário? 2-Prostituição infanto-juvenil: uma realidade no centro de Teresina; 3-Crianças e adolescentes nas ruas: violentos ou violentados? e 4-Futuro ideal x exclusão escolar.

Identificamos nos discursos dos meninos e meninas investigados, representações de conceitos, valores e padrões socialmente legitimados, ratificando assim o conceito elaborado por JODELET apud ABRIC (1998, p.28), segundo o qual, representação social “é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, tendo uma orientação prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Na tentativa de analisar essas representações seguimos o caminho indicado pelos depoimentos contidos em seus discursos, depoimentos esses que se constituíram também em denúncia das condições sub-humanas em que vivem essas crianças e adolescentes, numa sociedade que tem a marca da desigualdade e da indiferença para com as injustiças.

Essa indiferença pode ser constatada na postura da sociedade diante do trabalho infantil no qual estão inseridos a maioria das crianças e adolescentes pesquisados. Essa prática, apesar de criminosa, é, socialmente legitimada quando se trata de crianças e adolescentes das classes economicamente desfavorecidas, para quem a sociedade, de forma preconceituosa, acredita ser a única alternativa à delinquência infanto-juvenil e, por ser essa uma representação histórico e socialmente construída, é compartilhada pelos próprios meninos (as), inseridos nessa prática, como pudemos constatar em discursos semelhantes ao que se segue:

*“É melhor engraxar do que tá no meio da rua roubando e apanhando da polícia...”*

Outra representação identificada foi a supervalorização do modelo tradicional de família, composta a partir da união legal heterossexual monogâmica e patriarcal. Em contrapartida, como constatamos, o modelo das famílias concretas dos sujeitos investigados não corresponde a esse modelo. Entretanto, é esse o modelo que predomina no imaginário dessas crianças e adolescentes e é representado em suas expectativas de vida como pudemos constatar em suas falas:

*“Um dia... sei lá... meu sonho era assim... um dia... se casar, entrar na porta de uma igreja, assim... toda de branco...”*

A representação social do menino de rua violento tem servido para justificar, além do preconceito social destinado a esses meninos (as), atitudes violentas contra eles (as), evidenciando a função justificadora das representações sociais abordadas por ABRIC (1998). No entanto, constatamos que esses meninos e meninas são mais vítimas do que autores de atos violentos.

Segundo os seus discursos, a vivência de violência não teve início na rua e foi apontada como uma das causas determinantes para que o grupo de meninos “de rua” tenha abandonado suas famílias e domicílios de origem para morarem nas ruas. Além da violência contra seus direitos de criança e adolescente, esses meninos revelaram em seus depoimentos, terem sido, em seus próprios domicílios, vítimas de constantes agressões físicas praticadas por seus próprios pais e parentes próximos.

A valorização da escola como meio necessário e essencial à ascensão social, foi também, fortemente, representada nos discursos das crianças e adolescentes pesquisados. Contraditoriamente, a grande maioria deles, como pudemos constatar no perfil esboçado, foi excluída dessa instituição formal de ensino. Essa exclusão,

como salienta SAWAIA (1999) é conveniente e necessária à “inclusão perversa” na ordem social vigente, à qual são inerentes as relações de exploração e dominação.

Conclusivamente, podemos afirmar que as representações identificadas nos discursos das crianças e adolescentes pesquisados são semelhantes às da sociedade como um todo, pois, via de regra, eles externaram representações de um futuro ideal que refletem valores e padrões socialmente aceitos. Entretanto, constatamos que há uma diferenciação entre o ideal representado e suas perspectivas concretas de vida. O ideal representado não é o mesmo vislumbrado como perspectiva de futuro, o que nos parece demonstrar uma certa consciência das suas limitações e reais possibilidades.

Ao compararmos as representações e perspectivas de vida dos dois grupos pesquisados, percebemos que essa distância entre o ideal representado e o futuro vislumbrado é maior no grupo “de rua” que externou auto-representações mais negativas e, conseqüentemente, expectativas mais pessimistas em relação ao próprio futuro.

A análise do contexto em que vivem esses meninos (as) nos aponta o rompimento dos vínculos familiares, o envolvimento em atividades ilícitas e o conseqüente preconceito social a eles dispensado como possíveis causas para que tenham perspectivas tão negativas em relação ao futuro e nos leva a refletir a questão levantada por MELLO (1999, p.129): “como construir e manter representações positivas de si mesmo se elas são, sistematicamente, depreciadas pela sociedade como um todo?”.

Em suma, esta pesquisa nos possibilitou identificar, não apenas as representações externadas nos discursos das crianças e adolescentes investigados, mas, principalmente, os condicionantes sociais da “situação de rua” em que estão inseridos, os quais ideologicamente, determinam a posição social dos indivíduos, distribuindo papéis, disseminando valores e determinando o que é ideal num dado contexto histórico-social e nos leva à compreensão de que a “situação de rua” em que se encontram essas crianças e adolescentes não é um problema conjuntural que possa ser resolvido com medidas repressivas e nem com o assistencialismo do Poder Público e da sociedade, mas, um indicativo concreto das conseqüências de uma política econômica injusta, baseada na distribuição desigual dos bens, socialmente, produzidos e que privilegia uma minoria da população, deixando a sua

maioria excluída do acesso a esses bens e, “perversamente”, incluída na lógica de funcionamento do modelo social injusto e desigual que temos.

## **BIBLIOGRAFIA**

**A CHACINA da Candelária. VEJA, n. 30, p. 16-22, julho de 1993.**

ANDRADE, M. M. de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação.** São Paulo, Atlas, 1997.

AZEVEDO, M.A. **Prostituição infantil: uma incursão pelo lado não-respeitável da sociedade.** In: STEINER, M. H. F. **Quando a criança não tem vez: violência e desamor.** São Paulo: Pioneira, 1986.

ABRIC, J. C. **A abordagem estrutural das representações sociais.** In: MOREIRA, A., S. & OLIVEIRA, D. C. de (Org.). **Estudos interdisciplinares em Representação Social.** Goiânia: AB, 1998, p.27-46.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Do trabalho à rua: uma análise das representações sociais produzidas por meninos trabalhadores e meninos de rua.** Laboratório do Imaginário Social e Educação. Faculdade de Educação, UFRJ, Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_. **Trabalho infanto-juvenil: representações de meninos trabalhadores, pais, professores e empregadores.** In: MOREIRA, A.S. & OLIVEIRA, D. C. de (Org.). **Estudos interdisciplinares em Representação Social.** Goiânia: AB, 1998, p. 285-301.

\_\_\_\_\_. **Meninos de rua e meninos na rua: estrutura e dinâmica familiar.** In: FAUSTO, A & CERVINI, R. **O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80.** 2ed, São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. **O método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** São Paulo: Pioneira, 1998.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

**BRASIL tem 378 mil empregados menores.** MEIO NORTE, Teresina, 11/jun/2000, p. 7.

BURGER, F. & CERVINI, R. **O Menino trabalhador no Brasil dos anos 80.** In: FAUSTO, A. & CERVINI, R. **O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80.** 2ed, São Paulo: Pioneira, 1986.

CALDERÓN, A.I. & GUIMARÃES, R. F. **Família: a crise de um modelo hegemônico.** Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo, n.5, 1994.

CAMPOS, P.H.F. **As representações sociais de “meninos de rua: proximidade do objeto e diferenças estruturais.** In: MOREIRA, A.S. & OLIVEIRA, D.C. de (org). **Estudos Interdisciplinares em Representação Social.** Goiânia: AB,1998.

CARDOSO, E. A. **“O PIB: crescimento e distribuição.”** In: **Economia brasileira ao alcance de todos.** São Paulo: Brasiliense, 1991, p.11-37.

**COMO se fôssemos o Vietnã.** CORREIO BRAZILIENSE, Brasília, 14/dez/1999, p. 9.

COSTA, A. C. G. **Degradação pessoal e social das crianças e adolescentes entre os pobres mais pobres.** In: **Brasil, criança urgente: a lei** – São Paulo: Columbus, 1990, p. 74-84.

DARMEGIAN, S. **Entre a vida e a morte: a violência contra a infância nos grandes centros urbanos.** In: STEINER, M. H. F. (Org). **Quando a criança não tem vez: violência e desamor.** São Paulo: Pioneira, 1986.

DEMO, P. **Charme da Exclusão Social.** Campinas: Autores Associados, 1998.

DIMENSTEIN, G. **Meninas da Noite: a prostituição de meninas escravas no Brasil.** São Paulo: Ática,1992.

DIETZSCH, M. J. M. **Recontando histórias: Vozes e silêncios de meninos de rua.** CADERNOS DE PESQUISA, n. 104, p.122-143, jul / 1998

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Projeto de interiorização do Estatuto da Criança e do Adolescente,** 1990.

FÉRES, N. R. **Meninos e meninas de rua: eles fazem o que sabem, mas, não sabem.** Revista Psicologia, Ciência e Profissão, n. 18, 1998, p.46-55

FRANCO, M.<sup>a</sup> L. P. B. **O que é análise de conteúdo.** In: Ensino Médio: desafios e reflexões. Campinas/SP. Papyrus, 1994, p. 159-180.

FREITAS, E. C. **Combate ao trabalho infantil será ampliado.** DIÁRIO DO POVO, Teresina, 24/jan/2000.

FRIGOTO, G. O. **Enfoque da dialética materialista na pesquisa educacional.** In: FAZENDA, I. (Org). **Metodologia da pesquisa educacional.** São Paulo: Cortez, 1991, p. 87

FRONTANA, I. C. R. C. **Crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo.** São Paulo: Cortez, 1997.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia Social de Rua: análise de uma experiência vivida.** São Paulo: Cortez, 1997.

GUARESCHI, P. (et. al). **Os aprendizes da sobrevivência: um estudo sobre o trabalho e a criança: contradições e perspectivas.** Mestrado em Serviço Social: UFPE, Recife, 1992.

GUERRA, R. **Infância perdida.** NOVA ESCOLA, n.75, p.12-19, mai/1994

GUERRA, V. N. de A. **Violência de pais contra filhos: algumas indagações.** In: STEINER, M. H. F. (org). **Quando a criança não tem vez: violência e desamor.** São Paulo: Pioneira, 1986.

IACOMINI, F. **Os pecados do Brasil.** VEJA, n.51, p.36-37, dez/1999.

KLINTOWITZ, J. **Crime contra o futuro.** VEJA, n.38, p.116-121, set/1999

LANE, S. T. M. **Linguagem, pensamento e representações sociais.** In: CODO, W. (Org). **Psicologia Social: o homem em movimento.** São Paulo: Brasiliense, 1992, p.32-39.

LOPES, J. R. **Das famílias “desestruturadas” às famílias “recombinadas.” Transição, intimidade e feminilidade.** Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo, n. 46, 1994.

LUSTOSA, A.V. M. F. **O julgamento moral , empatia e maquiavelismo em crianças e adolescentes em situação de rua.** Mestrado em Educação: UFPI, Teresina, 1998.

**MAPA DO TRABALHO INFANTIL NO PIAUÍ.** Teresina: DRT, 1998.

**MEDIDAS BÁSICAS PARA A INFÂNCIA BRASILEIRA.** Brasília, out/1994.

MELLO, S. L. **A violência urbana e a exclusão dos jovens.** In: SAWAIA, B. (Org). **As artimanhas da exclusão.** Petrópolis: Vozes, 1999, p.129-140.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo:HUCITEC, 1998.

MONTENEGRO, M. **Trabalho doméstico reduz a escolaridade de jovens.** MEIO NORTE, Teresina, 11/jun/2000.

MONTES, M. L. **População de rua – sua identidade e a questão da cidadania.** In: ROSA, C. M. M. **População de rua: Brasil e Canadá.** São Paulo: HUCITEC, 1995.

NASCIMENTO, G. **O céu por cobertor.** ISTO É, n. 1364, p. 52-54, nov/1995.

\_\_\_\_\_. **Além das muralhas.** ISTO É, N. 1573, p. 116-118, nov/ 1999

NEVES, S.M. **Psicodramatizando a construção da cidadania.** PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PROFISSÃO, n.16, p.24-27, 1996.

NORONHA, M. **Delegacia diagnostica trabalho infantil.** MEIO NORTE, Teresina, 05/jun/2000.

OLIVEIRA, E. **Violência contra a criança.** NOVA ESCOLA, n. 70, p.33-36, out/1993

\_\_\_\_\_. **Você acha possível salvar os meninos de rua?** NOVA ESCOLA, n. 79, p.10-18, out/1994.

OLIVEIRA, F. O. & WERBA, G. C. **Representações Sociais.** In: STREY, M. N. et. al.(Org). **Psicologia Social Contemporânea: livro texto.** Petrópolis: Vozes, 1998, p. 104-116.

**O RETRATO da desigualdade entre as crianças.** CORREIO BRAZILIENSE, Brasília, 14/dez/1999.

RAMOS, L. M. P. C. **Educação Social e Educação Popular: o que é, o que faz, o que pretende a educação de rua.** Rio de Janeiro: AMAIS: 1999.

RIZZINI, I. & RIZZINI, I. **Menores institucionalizados e meninos de rua: os grandes temas de pesquisa da década de 80.** In: FAUSTO, A. & CERVINI, R. **O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80.** 2ed., São Paulo: Cortez, 1996

RODRIGUES, M.A M. F. **Crianças e adolescentes trabalhadores de rua: como vivem suas famílias.** Teresina: PMT/ SEMCAD/ASA/BID, 1998.

ROSSI, W. G. **Capitalismo e Educação**. In: Capitalismo e educação – contribuição ao estudo crítico da economia da educação capitalista. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978, p. 35-84.

ROUQUETE, M. L. **Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos**. In: MOREIRA, A. S. & OLIVEIRA, D. C. de (org). **Estudos interdisciplinares em Representação Social**. Goiânia: AB, 1998, p. 43-46.

SAWAIA, B. **Exclusão ou inclusão perversa?** In: SAWAIA, B.(Org) **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 7-13.

SENA, Y. **Violência na retirada dos meninos da rua**. DIÁRIO DO POVO, Teresina, 24/dez/1999, p. 27-48.

VERARDO, M. T. (et. al). **Meninas do Porto: mitos e realidade da prostituição infanto-juvenil**. São Paulo: O Nome da Rosa, 1999.

VÉRAS, M. **Exclusão Social – um problema brasileiro de 500 anos**. In: SAWAIA, B.(Org). et. al. **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 27-48.

**VIOLÊNCIA e pobreza ameaçam crianças**. DIÁRIO DO POVO, Teresina, 14/dez/1999, p. 5.

WANDERLEY, M. B. **Refletindo sobre a noção de exclusão**. In: SAWAIA, B.(Org). et. al. **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 16-26.

WEINBERG, M. **Em busca do tempo perdido**. VEJA, n. 3. p.63-67, jan/2000.

YAZBEK, M. C. **As classes subalternas como expressão de um lugar social: a exclusão integrativa**. In: **Classes subalternas e assistência social**. São Paulo: Cortez, 1996, p.61-81.

\_\_\_\_\_. **O lugar social dos excluídos e subalternizados: seu perfil, sua versão**. In: **Classes subalternas e assistência social**. São Paulo: Cortez, 1996, p. 83-161.